ANO 33.º — Sábado, 4 de Maio de 1940 — N.º 1627

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua dos Combatentes da Grande Guerra—Telefone 125—AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
MANUEL ALVES RIBEIRO
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—AGÊNCIA HAVAS

Solidariedade hispânica

Na hora particularmente difícil que o mundo está a viver sucedem-se as demonstrações da invejável solidariedade dos povos peninsulares, iniciada logo na primeira hora da guerra de libertação, firmada com o pacto de não-agressão e cimentada com o sangue generoso dos portugueses que morreram em Espanha pela liberdade e pelo direito dos povos poderem dispor de si mesmo. E' uma das maiores dívidas que Portugal contraiu com Salazar e a sua política, essa da assinatura do pacto com o govêrno do generalíssimo Franco, porque com tal medida de genial visão política o estadista ilustre conseguiu transformar a Península numa verdadeira zona de paz a que a guerra de hoje veio dar um relêvo particular; e isto porque, tendo sido sempre aquém Pirineus que em todos os tempos se entrechocaram os princípios em luta na Europa central, por se aproveitarem do antigo antagonismo luso-espanhol, hoje não há possibilidade, ainda que muito o desejem certos espíritos exaltados, de fazer estender o campo da guerra até à Península Ibérica.

Entre Portugal e Espanha existe hoje um tal exemplo de solidariedade como em tempo algum do passado existiu. Tal solidariedade nasceu, cresceu e firmou-se ao clarão dos incêndios e da luta selvagem que outrem levou à terra sagrada da Espanha; é uma amizade nascida da dôr e na dôr cimentada com sangue.

Isso mesmo o confessam os próprios espanhóis. Referindo se à visita da esquadra espanhola a Lisboa, o jornal *Madrid*, escreveu:

«Não é impossível que êste entendimento tão útil desperte desejos de outros o desfazerem. E' explicável e humano que quem ande metido na tremenda aventura da guerra actual procure rodear-se de todos os concursos possíveis. Mas a vontade de paz dos dois povos peninsulares, a sua decisão de se manterem à margem duma contenda em que se não ventilam questões que os afectam, os benefícios que podem obter uma neutralidade sincera—benefícios de ordem moral e não apenas materiais—levam a crer que Portugal e Espanha farão tudo quanto esteja ao seu alcance para conservar o bem precioso da paz. Estas festas de Lisboa, êste acolhimento à Mariaha Espanhola, que a Espanha tão profundamente agradece, parecem, neste sentido, a melhor promessa.»

E discursando num banquete oferecido pelo Chefe do Estado no Palácio de Belém à oficialidade da esquadra visitante, o sr. Embaixador de Espanha afirmou:

«A união dos povos português e espanhol não é uma aspiração nem uma conveniência política, embora essa seja muito grande, nem tampouco um tratado político de amizade e não agressão, da maior transcendência. E' alguma coisa mais: é o sentimento dum povo inteiro, homens, mulheres, crianças, soldados e marinheiros, todo um povo; é a mensagem de amizade de todos eles e particularmente da Marinha espanhola, aquilo que vos trazem hoje os bravos marinheiros curtidos por três anos de mar e de combates e que chegaram com os seus navios ao Tejo, artéria que une as austeras terras castelhanas com o sorridente e maravilhoso porto de Lisboa.»

E' que a Espanha nacionalista reconhece o inapreciável serviço que Portugal lhe prestou, procurando defender a sua causa, que era a da civilização, no momento em que «a guerra civil se arrastava, com a péssima ajuda da Europa e da América». E que a Espanha o reconhece disse-o D. Nicolau Franco quando, num almôço, em Sintra, respondeu ao brinde de Salazar:

«Nas horas difíceis, quando a habilidade dos nossos inimigos arrastava alguns a negar nos a nossa indiscutível personalidade de Nação, ali onde um obstáculo surgia e donde uma dificuldade nos ameaçava, estava a vossa amiga de Portugal, fazendo valer a sua opinião e voto, desfazendo tal obstáculo ou tal dificuldade e velando por nossos legítimos direitos no campo internacional.»

Por isso me parece que, trabalhando juntos no sentido de prosseguirem na sua obra construtiva, Portugal e Espanha são, neste momento, dois verdadeiros guardiãis da paz. E com aquela acuïdade crítica que faz dêle um dos nossos primeiros jornalistas, dizia, há dias, no *Diario de Noticias*, o sr. dr. Augusto de Castro:

«O leal entendimento que aproxima, nesta hora, em manifestações de recíproca estima, as duas nações peninsulares, representa, não apenas uma condição de harmonia e defesa ocidentais e de estabilidade internacional, mas também uma *frente da Paz* cuja influência decisiva na reconstrução da Europa, que sucederá à trágica crise actual, só cegos não vêem.

Unindo se numa zona de defesa espiritual do Mundo, Espanha e Portugal preparam-se, com a autoridade que resulta do formidável bloco moral que podem constituir, para ajudarem amanhã, juntos, a vencer a mais grave, a última e a mais difícil batalha que esta guerra nos reserva: a batalha da paz, quando, sôbre os fumos das ruínas, ela politicamente se travar.

Não receio o paradoxo afirmando que o lance que mais terrível se me afigura neste imenso incêndio da Europa não é a guerra de hoje, mas a paz de amanhã. Quem sabe se não será tão difícil fazer uma como a outra? E é sob êste considerável aspecto que a visita oficial da Armada espanhola a Lisboa e o facto expressivo que ela cria têm, talvez acima do seu efeito político, um inexcedível valor simbólico. Espanha e Portugal mostram ao Mundo que se os campos da guerra estão ainda, mercê de Deus, geogràficamente longe de nós, as trincheiras da paz passam por aqui e é atrás delas, como um baluarte espiritual, que a amizade peninsular se fortifica na mútua inteligência e na recíproca previsão dos destinos nacionais que cada um dos povos defende.

E estejamos certos de que essa realidade, fecunda de exemplos e de resultados, é bem visível—e, mesmo através das nuvens e das explosões dos combates que ensombram e abalam, nêste momento, a Europa, o seu significado é visto de longe e representa um factor que não é indiferente nas perspectivas do dia de hoje e dum futuro em sangrenta e implacável gestação.»

Depois disto creio que a ninguém podem restar dúvidas acêrca do que afirmei nas palavras que atrás escrevi.

S. P.

O Duplo Centenário

MONUMENTO AOS RESTAURADORES DE 1640, EM LISBOA

Estamos a um mês do início das comemorações centenárias. E' chegada a altura de todos os portugueses começarem a preparar a sua colaboração na «grande festa de família», afirmando, assim, o seu legítimo orgulho e a sua alegria bem justificada por pertencerem a uma nação com oito séculos de História.

E' costume, nos nossos lares, haver mais uma flor ou mais um lume nos dias dos aniversários familiares. As datas festivas do país são comemoradas também com o içar da bandeira nacional e de bandeiras das organizações patrióticas, não só nas repartições públicas como em muitas casas particulares.

A pátria não faz anos: Portugal completa séculos de existência. Não se compreende que, para festejar um centenário da nação, não haja, pelo menos, as flores e os lumes dos nossos aniversários, ou as bandeiras das nossas festas.

E' preciso, por isso, que, no período das festas centenárias, todos os portugueses ponham flores e luminárias nas suas janelas e que a bandeira nacional, as bandeiras da Legião e da Mocidade, içadas ou pendendo das janelas, afirmem, junto da bandeira da Fundação, o nosso orgulho de pertencermos a uma das mais velhas e mais novas nações do Mundo.

O princípio duma orgânica

Ensino regional

O Regionalismo é apenas nacionalismo aplicado ao que da pátria temos mais ao alcance do nosso amor actuante. Não se estreita nêle o conceito de pátria, antes se aprofunda; não leva à dispersão de energias, senão que provoca uma intensificação delas, para mais eficazmente se somarem na colaboração total—assim escreve Hernani Cidade no prefácio do *Cancioneiro Alentejano*, trabalho que o Dr. Victor Santos compilou, anotou e comentou, e que o Grémio Alentejano deu à estampa em 1938. E escreve a verdade, porque é êsse o objectivo do Regionalismo.

Em horizontes sociais um pouco e por fôrça mais latos, o Regionalismo tem, para mim, nêste estado, o significado que o Município tem na obra de António Sardinha—comunidade anterior e superior ao Estado.

Falando dos municípios, dizia êste escritor: «Elaboradores do *patriotismo local*, graças a êles se originou, cresceu e abriu asas o *patriotismo nacional* «(*A' Sombra dos Pórticos, pág. 127*). E um pouco mais adiante, a páginas 128, cita Royer Collard: «O Município, como a família, existiu antes do Estado. Não foi a lei política que o constituiu, porque foi achá-lo já formado».

O Regionalismo é, dêste modo, algo mais do que a instituição política administrativa. E' a Terra retratada no Homem e o Homem seu intérprete. Um e outro encontram-se como complementos necessários. Este ambiente municipalista não passa, devido às suas características sociais, económicas, humanas, do Regionalismo bem vincado e naturalmente orgânico. E' uma comunidade natural que nada deve nem à lei política, nem à administrativa. E António Sardinha, ao mesmo tempo que esclarece o regionalismo da sua teoria municipalista, ensina:

«*Dediquemo-nos nós, em Portugal, a despertar o espírito localista* (¹) *decaído! E logo se verá que as raças não morrem desde que estejam em contacto com a nascente sagrada das suas energias*» (ob. cit. pág. 187).

Nascente sagrada!

E surge assim, perante a derrocada mental dos nossos dias, no meio da barafunda política erguida em mentora-necessidade dum auditório de idiotas, a questão de despertar nas fôrças vivas da Inteligência nacional e na realidade política actuante, a essência eterna dessa nascente. Ela está no Regionalismo e é aí que hemos de ir limpá-la da ferrugem dos tempos de vendilhonismo para nela bebermos e fortificarmos as nossas energias perdidas.

Há um meio eficaz e um processo decisivo para o conseguir. O meio é a Escola; o processo é o Ensino. A Escola tem de ser, num futuro necessàriamente próximo, estruturalmente racional em todos os seus graus. O ensino há-de adaptar-se-lhe em todos os ramos da sua labuta, para que, em Portugal, sejamos portugueses, *de facto*, com responsabilidades directas nos destinos políticos, económicos e até magistraturas da Pátria.

A Escola regional não é apenas a primária. Essa só deixa de o ser em virtude do ensino que ministra obedecer a programas uniformes e ter como agentes pessoas que receberam os mesmos preparativos técnicos para ensinar em todos os recantos do país, sejam quais forem as realidades sociais, económicas e espirituais de cada um. A Escola regional abrange, sobretudo, ensino técnico, dito secundário, que prepare para o ensino superior, mas que habilite, também, para a vida, dando ao Homem uma finalidade. Os seus estabelecimentos devem obedecer a um plano totalmente diverso daquele que normaliza, hoje, os liceus distritais. Compreendem-se os motivos. A pedagogia ensina que o ensino é tanto mais proveitoso quanto menos exposto ao borborinho das cidades. O Regionalismo aconselha que êle se exerça na localidade onde os futuros homens tenham de viver e produzir, para se familiarizarem com o meio ambiente e adquirirem, *pràticamente*, o ritmo local em todos os

(¹) Localismo é sinónimo de ruralismo. Quando se quiser fazer obra eficiente a favor dos portugueses que moirejam na terra, vivendo-a, nela e para ela, é nesse ambiente que é preciso actuar, mas sem vaias e de destruir. Um certo *popularismo* que se agita em sectores da Imprensa não pretende isso. O que lhe quadra é a proletarização e conseqüentemente, a comunização do Homem. Se fôsse preciso dar um exemplo eu diria: *O Trabalho*, de Vizeu!

A Semana da Tuberculose

Terminou hoje, tendo-se durante ela angariado alguns fundos que, todavia, não resolvem o problema da Assistência, cada vez mais complicado e difícil.

Enquanto se não modificar a maneira de combater o mal...

DIA DA ESPIGA

Foi na quinta-feira. Porém decorreu com tanta insipidêz, que não tardará em passar despercebido entre a mocidade.

Tristeza das tristezas.

De Lourenço Marques

Acompanhando um cheque enviado pelo sr. Manuel Faria de Almeida para pagamento da sua assinatura, diz-nos, no final da sua carta, o nosso conterrâneo, ausente na Africa Oriental:

«Agradecendo a V. o favor de me continuar a enviar o seu apreciado jornal, **hoje quási o único elo que me liga a Aveiro, terra em que nasci**, peço o favor de aceitar, sr. Director, os protestos da minha muita consideração, etc.»

Os jornais de província, para aqueles que não vivem só do trabalho material, por viverem também do espírito, são assim. O pior é que poucos o compreendem ..

O TEMPO

Abril despediu-se com vento, frio e chuva e o mês de Maio entrou com êsses elementos todos, próprios do Inverno, a flagelar-nos sem dó nem piedade.

Vão lá entender isto.

Chega a ser impertinente, cruel—deshumano!...

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO

Descoberta do Brasil

Tendo-se completado ontem 440 anos sôbre o descobrimento do Brasil, que se ficou devendo ao intrépido navegador Pedro Alvares Cabral, houve feriado nas escolas e repartições públicas, que durante o dia tiveram a bandeira nacional içada nos seus mastros.

Este acontecimento histórico, uma glória dos portugueses, assinalou-se no reinado de D. Manuel I.

O Estado e a Igreja

Ao que parece, o Govêrno vai-se ocupar, em breve, das relações existentes com a Santa Sé, sendo de presumir que esta obtenha algumas das regalias perdidas.

Ai a política...

Dr. Joaquim Castro

Afim de desempenhar uma importante comissão de serviço, encontra-se em Lisboa o nosso velho amigo, dr. Joaquim de Azevedo e Castro, juiz desembargador da Relação do Porto.

Êste número foi visado pela Censura

AVEIRO VAI TER O SEU MERCADO

Iniciaram-se, na segunda-feira, as obras, o que foi anunciado com repiques do carrilhão municipal, foguetes e morteiros

Enfim! Quebrou-se o encanto! Desapareceu o enguiço!

Ao cabo de muitos anos de aturado trabalho por parte da Câmara presidida pelo dr. Lourenço Peixinho, que tem sido incansável em dotar esta terra—a sua terra, a nossa terra amada—com melhoramentos de vulto, vamos ter agora mais um—o Mercado, que era de absoluta necessidade e cuja construção enche de júbilo os aveirenses, de há muito ansiosos pela resolução dêsse magno problema.

Custou, mas foi!

Ou ha-de ir—com a ajuda da Providência e da justiça a que temos direito.

Burocràticamente—e isso era, como se constatou, o principal—está tudo arrumado.

Vamos ao resto.

O dia de segunda-feira marca uma nova etapa no progresso de Aveiro. Por isso repicaram os sinos da Câmara, estralejaram foguetes, houve alegria nas almas.

Hossanas! Hossanas!

No antigo ilhote do Côjo alguma coisa vai surgir de reconhecida utilidade pública e devido aos esforços de quem, há mais de vinte anos, só pugna pelo engrandecimento dêste rincão, cheio de belezas naturais, mas ainda longe de possuir tudo que necessita.

Depois do Hospital, do Parque, da Avenida, da luz eléctrica, dos Lavadouros de S. Roque e de tantos outros melhoramentos, o Mercado é alguma coisa de grande por aquilo que representa, também, para os interesses citadinos.

Louvores à Câmara. Louvores a quantos auxiliaram a iniciativa e lhe deram o seu concurso, acompanhando-a e ajudando-a nos seus propósitos de servir condignamente os munícipes.

Conta o sr. engenheiro Moreira de Sá, a quem foi entregue a empreitada, tê-la concluída em Maio de 1941. Oxalá que nessa ocasião possamos juntar ao número das realizações do Município, mais esta, para honra sua e do seu ilustre e digníssimo presidente, cujo carácter, nobreza de sentimentos e espírito bairrista continuam a assinalar-se por forma a merecerem os máximos elogios.

campos da sua projecção. Mas razões económicas e morais de fôrça bem evidente e digna de ser ponderada e atendida dizem outrossim de sua justiça. E' preciso que o Ensino seja para todos. Porém, mesmo que êle seja gratuïto, onde está a generalidade das famílias que possam dispôr de verba suficiente para enviar os filhos e os manter numa cidade onde urge pagar a pensões, lavadeiras, livreiros e a tantas outras bocas mercantis, hiantes que tudo sorvem?

A generalidade das famílias!

Prouvera a Deus que houvesse uma razoável minoria com tais possibilidades! A realidade é mais trágica. Além disso, há a ponderar os inconvenientes dum abandono do lar por crianças ingénuas que vão ser tragadas e absorvidas pelos atractivos falsos da cidade, longe dos conselhos maternos e das vigílias ou... dos açoites paternos... E o moral é tanto ou mais precioso do que o económico... Dêle estão suspensas as qualidades viris, rácicas, vitais e biológicas do povo português.

O raquitismo físico, moral e intelectual que para aí medra como escalracho daninho é grandemente filho de causas semelhantes. A sífilis e a própria tuberculose, a decadência do vigôr nacional não podem eximir-se a um juizo severo, nêste campo, quando surgir a hora de prestar contas à História e ao Futuro. Portanto, é fácil conceber a necessidade ingente que há de instituir um Ensino regional no espaço e na matéria, seja em resumo, um ensino que se ministre e apreenda no local próprio e com programas adequados. As escolas, sobretudo as secundárias, devem ramificar-se desde a cidade até à região local com escalões pelos concelhos, onde se tornam mais acessíveis à totalidade e onde continuam num circulo maior, a escola primária.

Das qualidades mentais do aluno dependerá o seu ingresso em novos estabelecimentos, subindo sempre, que ascendem à Universidade. Nesta haverá disciplinas de especialidades regionais onde a Geografia Humana tem um lugar destacado a ocupar, expraiando os seus ramcs em todos os sentidos possíveis. Todavia, cada um dos escalões percorridos deve ter deixado os que o não ultrapassaram, por incapacidade intelectiva, aptos a ocupar um pôsto na vida.

A grande Escola nacional apresenta, desta maneira, circulos de actividade cada vez mais largos e mais altos, mas cada vez mais longe da fonte viva e concreta da essência regional. E' uma Escola que se desloca do povo para o Estado, da base para o vértice, como convém a uma orgânica do futuro sempre a mesma e sempre portadora de *novas* modalidades.

Ao entrar pelas portas amigas da Escola, em comunhão com o seu ambiente de paz, amor, luz e trabalho, depara-se-nos a outra faceta do problema: o Ensino.

Cabe agora analizar os programas e amarrá-los à justiça implacável da crítica regional. Não convém, sob pena de negarem a pretendida feição autortone do *local* onde se praticam, elaborá-los no silêncio dum gabinete, geométricos, absolutos, razos, uniformes, doutorais, como derradeira maravilha da obtusidade dum cérebro. Basta ponderar que a Vida é o melhor e o mais sábio mestre e que ela varia dum lado para o outro, sistemàticamente, indefinidamente...

E' preciso, para coordenar o trabalho nacional, que haja regras gerais. Mas que elas sejam vagas e se coíbam de jungir ao seu carro o exterior e o interior do estredante, isto é: essas normas gerais devem ter uma grande possibilidade de se adaptar a todos os tipos de objectividade regional. Convém reflectir que um todo quando é belo, harmónico, perfeito em si mesmo como uma nacionalidade, é constituído por milhares, milhões de particularidades diversas, convergindo tôdas para o mesmo ponto de *unidade* sem prejuízo da *pessoa* de cada uma. Tal qual deve ser o ensino na Escola Regionalista para se afirmar decisivo, como alavanca, e profundo como estimulante. Tanto no campo do Espírito, como no da Matéria, é *necessária* a sua presença.

◇

Falei do Ensino escolar. Entretanto, como todos sabem e verificam, sob qualquer modalidade ou feitio que se exerça, êle é insuficiente, não só em qualidade, mas em quantidade e extensão. Limitado, quando muito, ao limiar da idade oculta, é fácil perderem-se-lhe os efeitos por abstrusão social, por via da rotina, por concurso doutras influências patológicas, e até porque há o imperativo bio-psicológico da mocidade que a leva a procurar, ansiosa, outros rumos, inteiramente esquecida, bem-confiante porém, das palavras e dos conselhos *catedráticos* do professor (²). Nesta altura (...não surge a *policia*, estejam descansados!) é que é preciso lançar mão doutros meios de Ensino que actuam fora da Escola. E estamos em frente da Imprensa Regional, do Livro, das Conferências, das tentativas literárias, teatrais, das excursões, etc., dos grémios de instrução e recreio onde, na última parte, o exercício físico, atletismo e desporto, organizados em bases nacionais, revigoram o corpo e temperam a alma ao calor das grandes ideias.

O Homem prepara-se, de tal maneira, para desempenhar a sua tarefa na terra, senhor dos seus destinos espirituais, e para submeter à sua vontade grande parte do *destino* que hoje pesa *fatalmente* sôbre os ombros ajoujados das grandes *massas* humanas. Elas arrastam-se, de fácies hediondo, olhar carregado, coração fervendo revoltas, mais bestas que homens, cansadas de esperar a Justiça almejada, anunciando, no seu passo vacilante, a tempestade assoladora que tudo arrasa, tudo desfaz com o fragor convulsivo dos seus músculos de aço animados pela pólvora... A êstes tudo lhes faltou! Nem a luz da instrução, nem o quente dum ideal, nada se propôs minorar-lhes o sofrimento. Infelizes, vítimas de tudo e de todos, pagando tudo, sem protesto, bastou-lhes o trabalho contínuo depois de morta, por impossível, a réstea de luz que era a sua ambição pequena e o seu pequeno mundo de felicidades! Por isso o mundo é o cataclismo que todos presenciam...

Ao menos que amanhã floresça outra concepção de vida, com um cantinho de sol para todos e que todos tenham *pão e Justiça!* Justiça, sobretudo, para o Espírito, tanto nos bancos da Escola, como nas avenidas da vida. Completando a obra do *Estado ao serviço do Homem*, ou melhor, exeqüindo-a, um largo e incomparável destino está reservado aos órgãos profanos—chamemos-lhe assim—do Ensino. Frisante, a tal respeito, é o exemplo da Itália *Dopolavorista*. Embora num campo redondamente diverso do que eu denomino Regionalismo, no esboço da Escola e do Ensino, grande é a obra do Fascismo. A *Opera Nazionale Dopolavoro* é alguma coisa de fantástico e de surpreendente em que é preciso meditar, que é preciso *vêr* para *crêr!* Mas nós não somos um país industrial e portanto proletário. Rural por natureza, Portugal tem que equacionar os seus problemas, de entre êles o Ensino, com mais fôrça e mais alma, dentro duma esfera cíclica e dinâmica de Regionalismo. E Portugal será, em si mesmo, grande como nunca!

JORGE VERNEX

(²) E' muito raro, no ensino secundário e no superior, mas principalmente no secundário, encontrar mestres que não se revistam duma «autoridade» pretenciosa, espécie de pavonice que os coloca num plano diferente do dos estudantes. Isso incute na adolescência o sentimento de *castas* e é anti-pedagógico. Só no Ensino Primário se verifica a total camaradagem. Também poderia dar muitos exemplos dêstes doutores pavões com o Zé Carlos, mas... alto!

Santos populares

—x—

Consta-nos que os festivais que, no mês de Junho, se realizam no Jardim, em honra de S. João e de S. Pedro, serão organizados pela Associação H. dos Bombeiros Voluntários e Companhia S. P. Guilherme G. Fernandes, revertendo o produto a favor das duas prestimosas corporações.

E' justo que assim seja, pois os soldados do fôgo precisam mais do que ninguém de ser auxiliados.

A FEIRA DE PARIS

—o—

É de 11 a 27 de Maio, que êste ano se realiza a Feira de Paris, a qual, pela sua expansão e desenvolvimento, se pode considerar como uma Exposição Internacional.

São muitos os países que ali vão expor os seus produtos, isto aliado à extraordinária actividade comercial e industrial da França e do seu Império Colonial.

Inúmeros visitantes se deslocam de todos os pontos do mundo, não só com o objectivo de realizarem os seus negócios, mas também porque, àlem dos atractivos daquela Feira, Paris é sempre a cidade magestática, acolhedora e bela.

Pela sua importância, pelo seu carácter internacional, pela magnificência das suas instalações e pela formidável quantidade de produtos das mais diversas proveniências, quem tiver visitado a Feira de Paris, equivalerá a ter visitado tôdas as feiras do mundo, nas mais favoráveis e económicas condições.

Efemérides

4 de Maio

1848—Abre-se a Assembleia Constituinte francesa.

1895—Sai em Bragança o 1.º número da *Voz da Pátria*.

1906—A polícia de Lisboa carrega sôbre o povo que tinha ido à estação do Rossio esperar um propagandista republicano, dando o acontecimento lugar à queda do govêrno regenerador e à formação do ministério franquista.

1910—O tribunal de Paris condena à pena última o anarquista Liabenf.

Falta de espaço

—x—

Impossível entrar esta semana a *Trincheira dum crente*, do nosso assíduo colaborador J. Carreira, e outros originais que não perdem a oportunidade.

Publicar-se-ão de hoje a oito dias.

Bota abaixo

—=—

Vão ser àmanhã de tarde lançados à água nos estaleiros da Gafanha os novos lugres ali construidos pelos mestres Mónicas e que se destinam à pesca do bacalhau.

Pertencem ambos a emprezas desta cidade e adoptam os nomes de *I Navegante* e *D. Deniz*, como já tivemos ocasião de dizer quando noticiámos a realização da cerimónia no mês de Abril, mas que ficou adiada para as marés de agora.

Vem assistir o sr. Ministro do Comércio.

POSSE

—=—

Assumiu na quarta-feira as funções de secretário do govêrno civil do nosso distrito, o sr. dr. António Pedroso Pires de Lima, que, por êsse facto, recebeu cumprimentos dos amigos que assistiram à posse.

O Democrata junta os seus.

Curso de Farmácia

—o—

Deve reünir dentro em breve, novamente, a *rapaziada* farmacêutica que há quarenta anos conquistou honroso diploma na Universidade de Coimbra e à qual o condiscípulo, capitão Manuel José da Fonseca Faria, com residência na Figueira da Foz, prometeu um almôço, que, pelo menos por alguns dos companheiros, é esperado ansiosamente.

Os dias marcados para a reünião devem ser 29 e 30 de Junho—o mês dos santos populares, das danças e da alegria, que é preciso conservar como recordação dos tempos felizes da mocidade.

Quanto a nós, desde já prometemos ir ao encontro do capitão Faria, dada a maneira franca como recebe os amigos, visto pertencer a um grupo de colegas valorosos e indefectiveis...

A êle, a êle, pois, e sem hesitações!...

Atenção para a 4.ª página

IMPRENSA

Ecos de Cacia

Êste hebdomadário da região do baixo Vouga, cujos interesses defende com invulgar entusiasmo, publicou, em 25 de Abril, um número especial de homenagem ao sr. Conselheiro Nunes da Silva, que fêz 80 anos e é uma figura de destaque naquela frèguesia.

Além de variada colaboração, a parte gráfica do *Ecos de Cacia* é muito interessante na primeira página, revelando arte e bom gôsto. Aceite, por isso, José Marques Damião os nossos parabens pelo conjunto da sua obra.

Façamos vinho bom!

A Junta Nacional do Vinho, continuando na campanha, há anos encetada, para a valorização do vinho pela *politica de qualidade*, propõe-se manter uma assistência permanente à vinicultura. Para êsse efeito desde já põe à disposição dos vinicultores os seus técnicos, os quais estão encarregados de prestarem todos os esclarecimentos e colaboração prática, seja sôbre a correcção dos môstos, lavagem e desinfecção de vasilhas e fabrico de aguardente.

Todos os vinicultores, que desejem beneficiar dessa assistência *absolutamente grátis*, queiram dirigir-se à sede da Delegação, onde lhes serão fornecidos os elementos de que careçam.

Livros

«NÃO VIVEMOS PARA CULTIVAR O ÓDIO»

A Câmara Municipal da Praia da Vitória (Açores) editou uma conferência que no seu salão nobre fez, em Março do ano passado, o sr. Armando Cândido, sendo-nos agora oferecido um exemplar pela Biblioteca Silvestre Ribeiro, que agradecemos.

O têma é desenvolvido com proficiência, decalcado na História, e veio a propósito da alteração do feriado municipal, trocando o dia 11 de Agosto pelo dia 24 de Março—que ficou assinalado na Ilha como uma gloriosa data.

Necrologia

No bairro do Alboi finou-se, na penúltima quinta-feira, o sr. João Migueis Picado, que no dia seguinte foi sepultado no cemitério central.

O extinto era irmão do nosso amigo Firmino Picado, falecido há perto de um ano, e deixa viuva e uma filha casada.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

* * *

Também ontem de manhã sucumbiu aos estragos duma grave enfermidade, António Coelho Huet e Silva, que há pouco mais de um ano se tinha consorciado com a sr.ª D. Rosária Caldeira Braz.

Contava 24 anos, apenas, era filho do industrial sr. Eduardo Coelho da Silva e irmão do sr. Joaquim Huet e Silva, aspirante de Finanças em Ponte de Lima.

O funeral realiza-se hoje, pelas 18 horas, para o cemitério central.

* * *

Com 84 anos de idade, igualmente, se finou, em casa de sua filha, a sr.ª D. Maria Ávia de Carvalho Duarte, esposa do mestre de obras, sr. Francisco Augusto Duarte, a sr.ª D. Maria Augusta Duarte de Carvalho, viuva do conhecido armador, sr. Francisco Carvalho.

A extinta, que foi dotada de sentimentos generosos, tinha mais dois filhos, a sr.ª D. Cândida das Dores Duarte Peixinho, esposa do sr. Jerónimo Peixinho, antigo capitão da marinha mercante, e Arménio de Carvalho.

O entêrro efectua-se hoje, da igreja da Misericórdia para o cemitério central, pelas 18 horas.

* * *

Em Ilhavo deixou de existir esta semana, com 71 anos, a sr.ª Julia Pinto Bagão, viuva do antigo piloto-mór da nossa barra, Luís Fernandes Bagão, e tia da esposa do nosso amigo Silvério Amador, da acreditada firma *Testa & Amadores*.

A's famílias enlutadas, os nossos sentimentos.

* * *

Faleceram mais: no *Bonsucesso*, José Marques, casado, de 84 anos, e Manuel da Silva Valente, de 34, ceifado pela tuberculose, e em *Taboeira*, Isabel Marques Baptista, solteira, de 80.

A' margem da guerra

A BANDEIRA DE UM REGIMENTO FRANCÊS, COM A SUA GUARDA DE HONRA, DESFILAM DIANTE DAS TROPAS

Cartas a uma amiga de longe

Maio, 1940

Amiga querida:

Quando há dias, depois de trabalho laborioso, me sentei, finalmente, e me preparava para ouvir um bocado de música, a Emissora transmitia uma palestra. O meu primeiro movimento foi mudar para outra estação, mas conheci a voz do orador. Era o snr. Dr. Oliveira Salazar que discorria sôbre a «Conversão da divida externa». E eu que admiro sempre os seus discursos pela limpidez do estilo e profundeza das idéas, desta vez nada percebi. Consolidados, juros, cifras, dinheiros, encontram na minha cabeça campo estéril.

Muito difícil deve ser ser-se rico!... Não para saber gastar o dinheiro—isso tôda a gente o sabe—mas para saber empregá-lo para render.

Vai para o banco, sai do banco, vai para ali e depois para acolá, mas como o dono vê que dá mais vantagens noutra parte, lá vai êle outra vez. E se parasse!... Mas não; esta caminhada continúa sempre e faz perder noites e noites ao capitalista, que, aflito com a subida e descida dos câmbios, com a desvalorização da libra «amarela e de cavalinho», com os problemas complicados da bolsa, dá tratos de polé à mioleira. O rico, coitado, é um escravo da sua fortuna, é um descontente no meio dos seus milhões por querer aumentá-los em treliões e mais, e mais, e mais. Talvez fôsse por isso que o Padre António Vieira preguntou: —Quem são os ricos nêste mundo? Os que têm muito? Não, porque quem tem muito deseja mais, falta-lhe o que deseja e essa falta o faz pobre.

Por isso eu sou da opinião do que diz: «feliz de quem tem consigo por tôda a parte e sempre a sua fortuna e a sua riqueza». Êsse não tem a temer o desmoronar dos seus capitais. Faz as contas na margem do jornal—os que as fazem, é claro—não para saber quanto recebeu—isso sabe-o desde que entrou para o emprêgo—mas para vêr quanto gastou e se tem de aperrear um bocado as despezas até ao fim do mês, para não desiquilibrar o orçamento.

E esta felicidade ainda não chega à daquele pobre trabalhador de enxada, a quem o rei pediu a camisa por êste lhe dizer que era um homem feliz, visto nem isso ter. Para êste, como para mim, as palavras do snr. Presidente do Conselho, se as ouvisse, seriam letra morta.

Um abraço da

Zèmi

Ver a 4.ª página

O dia 1.º de Maio em Aveiro

Foi comemorado pelo Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Cerâmica e pelos «Lusitos» da Mocidade Portuguesa

O 1.º de Maio deixou de ser um dia agitado e de prevenções militares para dar origem ao reconhecimento e confraternização do operariado pelo que há conseguido no capítulo das suas reivindicações. Dêste modo vamos ao relato do que se passou nesta cidade.

Na séde do Sindicato da Indústria de Cerâmica efectuou-se uma sessão solene, presidida pelo sr. dr. Querubim Guimarãis, que representava o chefe do distrito, e de cuja mesa também fizeram parte os srs. dr. Lourenço Peixinho, presidente da Câmara; Arcebispo-bispo de Aveiro, coronel Nobre de Figueiredo, comandante militar; dr. José Neves, delegado do I. N. T. P.; o representante do sr. capitão do porto e o sr. engenheiro Teodoro Pinto Basto.

Falou em primeiro lugar o sr. Angelo Chuva, presidente da Direcção do Sindicato, que se exprimiu dêste modo:

Ex.mo Senhor Arcebispo-Bispo de Aveiro:

Ex.mo Senhor Governador Civil:

Meus Senhores:

Cumpre-me, primeiramente, apresentar a V. Ex.as as saùdações da Direcção dêste Sindicato Nacional, com os agradecimentos sinceros pela vossa aquiescência gentilíssima ao nosso convite, honrando assim esta justa consagração aos nossos queridos chefes.

Modesta é a nossa casa, como modestas têm sido sempre as nossas aspirações: contribuir, apenas, na medida do possível, para o bem comum, com o pequeno grão de areia que somos, para a reconstrução desta Pátria imorredoira, onde os obreiros incansáveis têm sido e hão-de continuar a ser, felizmente, os grandes portugueses—Carmona e Salazar. Por isso, adentro do seu programa, não podia o Sindicato Nacional dos Operários Cerâmicos do Distrito de Aveiro deixar de patentear, publicamente, a essas grandes figuras nacionais, a sua eterna gratidão pela obra formidável já realizada e por aquilo que dêles ainda se espera—para bem de todos nós, portugueses.

Temos orgulho dos nossos chefes e, por tal motivo, é com aquela satisfação que enche os corações sinceros, que inauguramos nesta sala os seus retratos, para que os sócios desta colectividade corporativa vejam neles os sóis que iluminam o trilho honrado que os operários portugueses devem seguir, se quizerem viver, pobres, mas de cara levantada.

A par dêles, colocamos também nesta sala o retrato de Sua Excelência o sr. Sub-Secretário das Corporações, pagando-lhe, assim, como merece, a nossa dívida de gratidão—a Ele, que tem sabido levar a bom termo a organização corporativa, dando fôrça e apoio aos Sindicatos Nacionais para que possam cumprir a sua missão.

A Ele devemos a publicação do decreto sôbre Salários Mínimos para a indústria cerâmica, que, não sendo a nossa justa aspiração, pois sempre trabalhámos e continuaremos a trabalhar pela efectivação do Contracto Colectivo do Trabalho, de algum modo veio beneficiar parte da classe. Porque outra parte foi prejudicada, pelo que, só a título provisório, se poderá manter em vigor o referido decreto.

A obrigatoriedade da cotização para todos os cerâmicos, veio salvar da ruína e da morte os Sindicatos respectivos.

Dêle esperamos a instituição da Caixa Sindical de Previdência, a qual, com o Contracto Colectivo do Trabalho, constituirá a base sólida em que há-de assentar a felicidade do operário cerâmico, com a garantia do pão da família, a protecção na doença, na invalidez e nos últimos dias da vida, com uma modesta reforma.

Eis a missão para a qual todos nós havemos de congregar os nossos esforços.

E ela há-de cumprir-se, para honra do Estado Novo e dos seus ilustres dirigentes.

Pela parte que nos toca, faremos o possível por trabalhar com afinco e persistência, dia a dia, para que a classe cerâmica possa colher os frutos desta obra gloriosa da dignificação do operariado, sob a égide do Estado Novo.

Para Sua Excelência o sr. Sub-Secretário das Corporações, apelamos, pois, neste momento, com a certeza de que não esquecerá os modestos obreiros do Sindicato Nacional dos Operários Cerâmicos do Distrito de Aveiro, instituindo a sua Caixa de Previdência e pugnando pela assinatura do Contracto Colectivo do Trabalho.

Para Sua Excelência o Senhor Presidente da Secção do Grémio Nacional dos Industriais de Cerâmica, que nos honra hoje com a sua presença, apelamos também, esperando da sua inteligência e boa vontade, uma colaboração eficaz que redundará, por certo, em benefício de todos—Grémio e Sindicatos.

Termino, rogando humildemente a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo-Bispo de Aveiro, as suas bençãos para os operários cerâmicos, que tão precisados estão da graça de Deus.

Após uma salva de palmas da assistência, seguiu-se o sr. dr. José Neves, que diz associar-se à homenagem a Carmona e a Salazar e bem assim ao sr. Sub-Secretário das Corporações, não, apenas, por virtude das funções que desempenha no distrito, mas porque a acha de todo o ponto justa em presença do que a êles já deve a classe operária. Faz considerações sôbre os deveres desta para com o patronato e vice-versa, terminando por declarar que uns e outros não podem viver separados.

O sr. dr. Querubim Guimarães procede, então, ao descerramento dos retratos, que a bandeira nacional cobria, as palmas estrugem, quentes e prolongadas, sendo a sessão encerrada depois de se congratular pelo seu significado, pelas afirmações que nela ouvira fazer e pelo cunho patriótico de que fôra revestida.

Antes da retirada dos convidados, a Direcção do Sindicato ofereceu-lhes um fino *copo de água*, brindando pelas prosperidades do mesmo, os srs. engenheiro Teodoro Pinto Bastos, dr. Lourenço Peixinho e dr. Querubim Guimarães, agradecendo o sr. Angelo Chuva.

A' noite, a fachada, iluminou.

* * *

Por sua vez, os *Lusitos*, em número elevado, uns 500, talvez, acompanhados dos professores e dos chefes da organização legionária, srs. capitão Firmino da Silva e tenente Natividade e Silva, dirigiram-se ao governo civil afim de cumprimentarem a autoridade superior do distrito e pedir-lhe a transmissão das suas saùdações ao sr. Presidente do Conselho, doutor Oliveira Salazar.

Respondeu-lhes num curto, mas expressivo discurso, proferido do patamar superior da escadaria onde os manifestantes se aglomeravam, o sr. dr. Querubim Guimarães, depois do que lhes foi servida uma merenda na Escola Primária da Glória por o mau tempo impedir que se realizasse no Parque.

Presidiu a esta, discursando, também, com certa elegância de frase, o Director Escolar, sr. António Menezes Mendes.

E aqui está como o 1.º de Maio se transformou, deixando de ser revolucionário para se tornar em festa de confraternização por muitos títulos mais proveitosa e de outro alcance social.

Neste particular, deve-se ao Estado Novo Corporativo a mudança que assinalamos com o maior regosijo.

Correio do jornal

Sr. M. Seabra de Azevedo—Sá da Bandeira.

Em nosso poder a sua carta, que agradecemos, assim como o favor da cobrança dos recibos que lhe enviámos. E aos assinantes, que prontamente os satisfizeram, também aqui fica expresso o nosso reconhecimento.

Sr. M. Faria de Almeida—Lourenço Marques.

Recebida a sua carta de 31 de Março com o cheque que a acompanhava para pagamento da assinatura. Segue o recibo. Muito obrigado.

Sr. Joaquim Pereira—S. Pedro da Torre.

O jornal tem-se expedido sempre com a nova direcção que deixou. E', portanto o correio responsável por o descaminho de todos os números que lhe faltam e cuja remessa já foi feita, como pediu.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. João Rodrigues Testa, da acreditada firma Testa & Amadores, e a sr.ª D. Maria Regina Sobreiro Murilhas, esposa do nosso amigo Mário da Costa Murilhas; àmanhã, o sr. major Amilcar Mourão Gamelas; o nosso velho amigo Pedro Augusto Ferreira, do Porto, e a inocente Maria Magnólia, filha do sr. Joaquim Coelho da Silva, actualmente em Paredes (Douro); no dia 6, os srs. José Martins Arroja, Abel Costa e José Nunes Guerra, digno escrivão de Direito em Coimbra; em 7, o sr. tenente Jacinto Leopoldo Monteiro Rebocho; em 8, a esposa do sr. José Pinto, da Farmácia Moderna, e os srs. Manuel Moreira Vinagre e Abel Gonçalves; em 9, a Aninhas Vitória e José Rezende Barata de Lima, filhos, respectivamente, dos srs. Amadeu Amador e alferes José Barata Freire de Lima, e o sr. Manuel Francisco de Pinho, de Pinhão (O. de Azemeis) e em 10, a interessante Marília Morais, filha do comerciante sr. Alvaro Morais e o menino Guilherme Augusto Ferreira Pinto Basto Taveira, filho do sr. José Augusto Martins Taveira.

Gente nova

Em S. Bernardo deu à luz uma criança do sexo masculino a esposa do sr. Albino Simões de Oliveira.

Aos pais e avô do neofito, o acreditado negociante, sr. Francisco Guerra, os nossos parabens.

Partidas e Chegadas

Vindo de Timor, onde esteve desempenhando uma comissão de serviço, chegou a semana passada a Lisboa, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso conterrâneo, tenente José Nogueira da Costa Branco.

Apresentamos-lhe cumprimentos de bôas-vindas.

Doentes

Com a saúde um pouco abalada partiu para o Caramulo o sr. Alvaro Martins Lima, que na Secção de Finanças fazia serviço como aspirante.

—Continua de cama, bastante enférma, a sr.ª D. Rosa Malaquias da Naia Balacó.

—Num quarto particular do Hospital encontra-se em tratamento a esposa do nosso amigo João Ramos, da Foto Moderna.

—Em Lisboa têm-se acentuado as melhoras da menina Hermengarda Dias, não se sabendo ainda quando regressará a esta cidade.

BAILES

—o—

Para comemorar os melhoramentos introduzidos na sede da *Banda Amizade*, realiza-se esta noite um baile dedicado aos sócios e famílias.

Agradecemos o convite.

* * *

Também no vasto salão do *Recreio Musical Esgueirense* se vai efectuar, no dia 19 do corrente, uma grandiosa *soirée*, esforçando-se os seus promotores para que seja revestida do maior brilhantismo.

Concurso

—o—

José Simões Miranda, Presidente da Junta de Frèguesia de Cacia:

Pelo presente faço público que se acha aberto concurso perante a Secretaria desta Junta pelo espaço de 30 dias para a adjudicação da empreitada da ampliação do cemitério desta frèguesia, podendo os concorrentes em todos os dias úteis das 11 horas às 17, examinarem, na Secretaria desta Junta, o respectivo caderno de encargos e condições da arrematação.

Cacia, Sala das Sessões da Junta de Frèguesia, 21 de Abril de 1940.

O Presidente

José Simões Miranda

Correspondências

Costa do Valado, 2

Nos próximos domingo e segunda-feira realiza-se, ali, em S. Bento, a tradicional festa dos folares, que costuma atrair bastantes forasteiros.

Bom apetite.

—Tem estado doente o sr. Américo Crespo, funcionário de Finanças, que por tal motivo não tem podido levantar-se da cama.

E' seu médico assistente o sr. dr. Carlos Vidal.

—Teve lugar no domingo mais um baile no Salão Primavera abrilhantado por *Os Papagaios*, de S. Bernardo. Não lhe faltou concorrência.

—O tempo anda muito irregular, chovendo, por vezes, copiosamente. Assim, como podem os lavradores levantar cabeça, se fazem, por um lado, para se destruido pelo outro?

—Regressou da Africa o nosso conterrâneo António de Lemos.

C.

Esgueira, 1

Na curva da Rua 5 de Outubro registou-se, segunda-feira, mais um acidente de viação que podia ter funestas conseqüências.

Ficou reduzido, apenas, a um pequeno choque entre uma camionete e um automóvel, sem ferimentos a lamentar.

Ainda bem.

—Em Lisboa teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Generosa Fernandes da Silva Barbosa, esposa do sr. João Soares Barbosa, empregado nos escritórios da C. P. e filha do capitalista, sr. Manuel Fernandes da Silva.

Mãe e filho encontram-se bem.

—Festeja as suas *bodas de prata* no próximo sabado a simpática tricaninha Maria da Conceição Ramalho.

Parabens.

—Encontra-se já restabelecido o nosso amigo sr. Jorge Marques, acentuando-se também as melhoras de sua esposa, o que registamos com satisfação.

—No *Recreio Musical* realiza-se, domingo, um sarau dramático, oferecido pela Direcção aos seus associados e no dia 19 uma *soirée* que deve marcar devido à sua organização.

C.

Aradas, 1

Excedeu tôda a nossa espectativa a homenagem hoje prestada ao ilustre Presidente do Conselho, doutor Oliveira Salazar.

Grande número de *Lusitos* da M. P. das escolas primárias da freguesia dirigiu-se à residência do regedor, aonde, no meio do mais vivo entusiasmo, o sr. professor Ramos explicou à autoridade o significado da visita, agradecendo o sr. regedor, por sua vez, a homenagem ao insigne estadista.

Por fim usou da palavra o sr. José Rodrigues Madail, que fêz o elogio do Homem que há doze anos foi chamado para sobraçar a pasta das Finanças e pôs em relevo a sua obra, que tantos benefícios trouxe ao país, salvando-o da iminente derrocada.

Salazar foi muito vitoriado, bem como o Estado Novo.

P.

DR. JOAQUIM HENRIQUES

MÉDICO

Consultas das 16 às 18 horas

Aos sábados das 10 às 12 h.

PRAÇA DO COMERCIO
(Aos Arcos)

AVEIRO

Curso de piano e História de música

Maria Cândida Robalo, diplomada com o curso superior de piano pelo Conservatório do Porto e professora inscrita no mesmo Conservatório lecciona solfejo, piano, acústica e história da música na sua casa ou na dos alunos, habilitando-os para exame.

Rua do Sol, 18 — AVEIRO

Fábrica Aleluia

Viúva e filhos de JOÃO PINHO DAS NEVES ALELUIA

Azulejos

Louças sanitárias e decorativas

AVEIRO TELEF. 22

Testa & Amadores

Comissões, Consignações, Cereais, Ferragens e Mercearia Vidraça

Depositários de petróleo e gasolina

SHELL

Rua Eça de Queirós

AVEIRO

Dentista Soares

Clínica dentaria — Dentes artificiais

Ortodoncia

Rua João Mendonça

(Junto ao Banco N. Ultramarino)

AVEIRO

PAULO RAMALHEIRA

MÉDICO

Doenças da bôca e dentes

CONSULTAS:

Das 10,30 às 17 h. — De manhã até às 10,30 h.

Praça 14 de Julho, 20-2.º — De tarde das 5 h. em diante

Telefone n.º 195 — RUA DIREITA

AVEIRO — ÍLHAVO

Pensão Serrana

S. João da Serra — S. Pedro do Sul

Situada numa região montanhosa, com lindas vistas panorâmicas, e muito recomendável para repouso e ares.

SERVIÇO DE MESA ESMERADO, BONS QUARTOS E GARAGE.

Não se recebem pessoas com doenças contagiosas.

Dr. Dias da Costa Candal

MÉDICO-CIRURGIÃO

Clínica geral	**Doenças dos olhos**
Consultas todos os dias das 15 às 17 horas	Consultas todos os dias das 10 às 12 horas
Consultório e Residência	Avenida Central
R. do Arco — AVEIRO	(Próximo do Chiado) — AVEIRO

TELEFONE N.º 206

MERCANTIL AVEIRENSE, L.DA

RUA DO CAIS — AVEIRO

Casa fornecedora de materiais de construção — Cimento Portland normal **SECIL**

ARTIGOS DA «COMPANHIA PREVIDENTE»:

Pregos
Parafusos
Anilhas
Rebites
Arame
Balmases
Bisnagas
Brochas
Cápsulas para garrafas
Carda
Chapa de chumbo
Cravo para tanoeiro
Ganchos para cabelo
Lâminas de barbear
Rêdes de arame
Rêde mosqueira
Tubos de chumbo

Artigos de Pesca:

Anzois
Lonas
Cordas
Piche
Breu
Carbonil
Vertedouros
Remos
Linhas de pesca
Canas de pesca
Amostras para peixe
Sedielas
Chapeus de oleado
Botas de água
Correntes de ferro

Artigos de Marceneiro
Artigos de Carpinteiro
Artigos de Serralheiro
Artigos Náuticos

Agulhas de marear
Mapas das costas portuguesas
Mapas dos bancos da Noruega e Groenlândia
Ampulhetas
Réguas de cálculo
Bitáculas
Agulhões
Waith lights (fogos para sinais no mar)

Artigos de incêndio:

Extintores, mangueiras

Artigos de Lavoura:

Prensas para lagares

Artigos diversos:

Carvão de forja
Carvão de chauffage
Ferro para cimento
Ferro em chapa
Fôlha de flandres
Chapa zincada
Tintas
Motores

Representantes de:

Companhia Geral de Cal e Cimento SECIL
Jayme da Costa, Lt.ª
Companhia Previdente
Companhia Geral de Combustíveis
Fábrica de Fundição ALBA
J. Garraio & C.ª, Sucessores

Óleo de fígados de bacalhau SANTA JOANA

Comarca de Aveiro

—o—

Divórcio

Por sentença de treze de Abril do corrente ano, que transitou em julgado, foi decretado o divórcio definitivo entre os conjuges Maria Simões de Oliveira, doméstica, do lugar e freguesia de Oliveirinha e Alvaro Lopes Grilo, lavrador, residente na Costa do Valado, da dita freguesia, na acção de divórcio litigioso que aquela moveu contra êste.

Aveiro, 27 de Abril de 1940.

Verifiquei

O Juiz de Direito da 1.ª Vara

Perestrelo Botelheiro

O Chefe de Secção

Julio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

Editos de 20 dias

1.ª publicação

Por êste Juízo, 1.ª Secção—Cristo—correm editos de 20 dias, contados da última publicação dêste anúncio, citando os credores desconhecidos para no praso de 10 dias, decorrido o praso dos editos, virem deduzir os seus direitos na execução por custas e selos em que é exequente o Ministério Público e executados Diamantino Nunes Vidal e esposa Julieta Etelvina da Costa e Silva, lavradores, de Quintãs, freguesia da Oliveirinha.

Aveiro, 20 de Abril de 1940.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção

Julio Homem de Carvalho Cristo

Dr. Abílio Justiça e Dr. Cunha Vaz

MÉDICOS ESPECIALIZADOS EM DOENÇAS DOS OLHOS

CONSULTAS — Em Aveiro, todos os sábados, no *Hospital da Misericórdia*, das 13 às 16,30 horas e em Coimbra, todos os dias na Rua Viscondeda Luz, 8-2.º, das 10,30 horas em diante.

STORES GELOSIAS

São o confôrto no vosso prédio, a defesa da sua caixilharia e de inegualável estética

Agente no distrito:

Francisco Casimiro da Silva

Móveis — Estôfos — Decorações

Av. Central — AVEIRO

TELEF. 107

Cultura da Batata

Uma boa adubação é a garantia duma boa colheita

AZONITROKAL

E' o adubo que devem preferir.
Maior economia.
(Um saco corresponde a dois de qualquer outro adubo mixto)
Fácil aplicação
Maior rendimento

AZONITROKAL

é incontestávelmente o melhor adubo.

Façam uma experiência para verificarem a sua grande eficácia

Pedidos e mais informações a

JOSÉ FERREIRA BOTELHO

R. Mousinho da Silveira, 140-1.º — R. Jardim do Tabaco, 29-31
Tel. 4160 — PORTO — Tel. 2 0462 — LISBOA

End. Tel. ERDGOLD

Torrefacção de café

Vende-se com alvará. Falar com Manuel Tavares de Sousa, R. de Sá—Aveiro.

Joana Tavares de Melo

Ex-aluna de Vianna da Motta

e com o Curso Superior de Piano do Conservatório de Lisboa, aceita alunas em sua casa, Rua Direita, 73.

Comarca de Aveiro

—o—

Editos de 20 dias

1.ª publicação

Por êste Juízo, 1.ª Secção—Cristo—correm editos de 20 dias, contados da última publicação dêste anúncio, citando os credores desconhecidos para no praso de 10 dias, decorrido o praso dos editos, virem deduzir os seus direitos na execução por custas e sêlos em que é exequente o Ministério Público e executados João Moreira Delgado, Artur Pereira Delgado e esposa Dona Eduarda de Oliveira Delgado, actualmente residentes em Coimbra.

Aveiro, 19 de Abril de 1940.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção

Julio Homem de Carvalho Cristo

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	7,10 (tram.) Fig.
5,41 (tram.)	9,11 (correio)
6,53 »	12,54 (tram.) Fig
11,22 »	15 (sud)
12,56 (rápido)	16,21 (tram.)
13,43 (tram.)	19 49 (rápido)
15,48 (sud)	21,52 (tram.)
17,28 (tram.)	0,31 (correio)
20,53 (correio)	

Aos sábados há um *rápido* às 22,27.

Do Porto chega um *tram.* às 19,22 horas que não vai ao Porto.

A's segundas-feiras há um *rápido* às 10,12.

LINHA DO VALE DO VOUGA

PARTIDAS	CHEGADAS
7,28	10,29
13,21	17,20
19,35	23

Terreno para cultivar

Vende-se uma porção de terreno com a superfície de 102.950m², podendo ser considerado campo de produção de batata para semente. Está parte cultivado, com poço para rega e outra parte a pousio. E' abrigado, fica situado ao sul da Costa Nova e em frente à capela da N. S. do Carmo (Gafanha) aonde termina a estrada camarária.

Tratar com Eduardo Pinho das Neves, Rua João Mendonça—Aveiro.

Casa Vende-se na Rua da Arrochela. Nesta Redacção se diz.

Vieira Rezende

MÉDICO

Especializado em doenças pulmonares em Sanatórios da França

Ex-clinico do Dispensário Central Anti-Tuberculoso de Coimbra

Raios X

Consultas:

Das 10 às 12 e das 14 às 17 h.

Rua Coimbra, 9-1.º-E.

AVEIRO

A. CRUZ

Fabricante da deliciosa lingüiça portuguesa

5876 Vallejo St. — Olimpic 4292

Oakland — California

VINHOS FINOS E DE MESA

Recomendam-se pela sua qualidade absolutamente garantida

Depósito em Aveiro—Rua Tenente Rezende—Telef. 179

CASA ALUGA-SE em Esgueira, com 1.º andar e rez do chão e ótima para negócio.

Tratar com António Fernandes de Abreu, Rua Dias Canarim—Esgueira.

PORTEIRO-CORRECTOR

Oferece-se. Nesta Redacção se informa.

Não vê bem?

Consulte um especialista de doenças dos olhos e, com a receita, dirija-se à

Ourivesaria Vieira

(Sucessor de Almeida & Alves)

RUA DE JOSÉ ESTÊVÃO, N.º 1

que tendo uma aperfeiçoada Secção de Optica, se encarrega de lhe fornecer uns óculos com a graduação que necessite.

Nesta casa encontra todos os artigos de Ourivesaria, Relojoaria e Joalharia aos melhores preços.